

Representações depreciativas e espaço: notas sobre um estudo de caso

Maria das Graças Furtado

*Mestre em Antropologia Social pela FFLCH/USP,
professora do departamento de Ciências Sociais da
Universidade Regional do RN*

Resumo: As representações sobre os moradores de cortiços como indivíduos portadores de determinados atributos reconhecidos socialmente como depreciativos ou desabonadores recaem sobre o seu espaço de moradia. Através das características dos grupos os espaços são submetidos a uma certa categorização. O sistema de categorias disponíveis sobre os que residem nos cortiços – a sujeira, os não trabalhadores, a droga e o roubo – demarcam fronteiras dentro do casarão. Há todo um esforço para separar, dividir o espaço e, assim, atribuir ao “outro” as características negativas do lugar. Os espaços se constituem por um sistema de representações que transcende as suas características físicas e morfológicas. Ao servirem para classificar os espaços do casarão, os atributos negativos que compõem as representações depreciativas associadas ao lugar constroem e inventam os múltiplos sentidos dos espaços do casarão.

Unitermos: cortiço, representações-depreciativas, espaço.

Existe, no imaginário social, uma representação sobre os moradores de cortiços como indivíduos portadores de determinados atributos reconhecidos socialmente como depreciativos ou desabonadores. Essas representações sobre os moradores de cortiços recaem sobre o seu local de moradia. Uma pesquisa sobre o tema das representações depreciativas e práticas sociais em espaço deteriorado de moradia permitiu constatar a importância desta imagem nas representações e práticas dos moradores. É de um aspecto particular que pretendo abordar, neste artigo, como o cortiço está “embebido socialmente” (Da Matta, 1987), isto é, como as representações depreciativas, produzidas fora do espaço de moradia e internalizadas pelos moradores, constroem o espaço no interior do cortiço.

O objeto de nossa investigação é um determinado casarão, imóvel do Estado transformado em cortiço, no bairro de Campos Elíseos. Nesse bairro, as representações que repousam sobre os cortiços ganham determinados contornos quando dizem respeito a este casarão, que é posto em evidência, objeto de uma

imagem desvalorizante. Esta particularidade das representações que recaem sobre o casarão se manifestava nos artigos da imprensa, nos discursos dos moradores e das instituições do bairro. O casarão difere dos outros cortiços por sua extensão, pela sua densidade populacional¹ e, sobretudo, pela sua visibilidade, que contrasta com a opacidade dos outros cortiços da região, cuja fachada não os distingue de uma residência unifamiliar. O casarão, ao contrário, manifesta-se exteriormente; agride o “outro”; é percebido como desagradável à visão e ao olfato. Devido ao imóvel ser de propriedade do Estado, é visto como o caos, a desordem, diferentemente de outros cortiços cujo imóvel é de propriedade particular, pressupondo, assim, a existência de um administrador que estabeleça normas e regras no local. O casarão, pelo caráter público que tem, representa, para os moradores e instituições do bairro, a “anomia”. Supõe-se a existência, no local, de pessoas que não trabalham – “viciados”, ladrões, traficantes de droga, bandidos, e criminosos. O fato de seus moradores não pagarem aluguel, leva o casarão a ser visto como uma ameaça, pois implica uma permanência mais prolongada no local, um enraizamento desta população no bairro. Por outro lado, esta população se diferencia dos moradores dos outros cortiços na sua composição social. Os que residem no casarão “são os mais pobres”, são os que não têm condições financeiras de pagar aluguel, nem mesmo num cortiço. Como diz o entrevistado: “...é gente mais pobre...”. O casarão², situado na Rua Cleveland, 601, esquina com a Alameda Nothmann, no bairro de Campos Elíseos, constituía-se de um grande lote (cerca de 3000m²), com 560m² de área construída e ocupada. Tratava-se de um conjunto com quatro edificações, com dois pavimentos e alguns anexos.

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO DADA PELA IMAGEM NEGATIVA

As representações depreciativas qualificam o espaço. Para além das características objetivas, o espaço é mediado pelas representações que orientam a sua apreensão. Tanto os moradores quanto o espaço estão submetidos à categorização. O Local de moradia é apreendido através das categorias que classificam os moradores.

“Não é um lugar bom da gente morar porque tem muita gente que não trabalha.” [Almir, 23 anos, faxineiro, 2 anos residindo no casarão, 26.02.93]

Uma representação depreciativa das pessoas que moram no casarão contamina a percepção do espaço. A categoria não-trabalho³ que compõe as representações depreciativas informa a apreensão do espaço. O local de moradia é qualificado e avaliado, não por suas características físicas e morfológicas, mas pela representação das condutas dos que aí residem, a partir de um critério moral. O espaço se constitui, para além das características físicas e morfológicas, por um sistema de representações que serve de orientação às práticas sociais ao mesmo tempo em que é constituído por elas.

Todo o movimento realizado pelos moradores vai no sentido de se distanciar das classificações negativas. Como as representações depreciativas recaem sobre o espaço, há todo um esforço para separar, dividir o espaço e assim atribuir ao “outro” as características negativas do lugar. Os atributos negativos que compõem as representações depreciativas que recaem sobre o lugar, ao servirem para classificar os espaços, no interior do casarão, construindo-os e inventando-os, tornam-nos significativos. Os espaços vão se constituindo em esferas de significação.

Os moradores, para se distanciarem deste traço classificatório, elegem como contravalor o trabalho. Assim, o trabalho torna-se uma categoria importante na organização das relações no interior do cortiço.

A imagem alterada de um espaço, às vezes produzida fora deste espaço e interiorizada por seus ocupantes, pode favorecer a intolerância e a ruptura dentro do local de moradia. As representações depreciativas constroem e inventam as divisões espaciais. Assim, o casarão, compõe-se de: o “lado da Cleveland” e o “lado da Nothmann”.

Os moradores operam um trabalho de distinção dos espaços para demonstrar que o seu lado é diferente. Cada lado organiza, assim, um sistema de referência, dado pela construção dos recortes nos espaços: “esse lado” e o “lado de lá”.

“O LADO DA CLEVELAND” X “O LADO DA NOTHMANN”: “ESSE LADO” E O “LADO DE LÁ”

Constituídas as diferenças pelas representações, os espaços tornam-se passíveis de manipulação. Os moradores operam com uma manipulação atribuindo ao “outro lado” as características negativas elaboradas sobre o lugar.

As diferenciações do espaço são construídas entre as edificações (“o lado da Nothmann”, “o lado da Cleveland”), todavia, as acusações entre as duas faces do casarão não são necessariamente intercambiáveis. “O lado da Cleveland” atribui as características negativas do lugar ao “lado da Nothmann”:

“Mais o outro lado do casarão já é pior do que aqui, entendeu? e lá, não sei se você já reparou, lá tem mais pessoal que não trabalha, que não estuda, criança que não vão prá um colégio.” [Angela, 16 anos, 10 anos residindo no casarão no “lado da Cleveland”, 14.01.93]

“...o outro lado de lá da Nothmann o pessoal não gosta de limpeza, nós sempre limpa, nós limpa aqui tudo, já do outro lado já não.” [Fábio, 12 anos, estudante, 10 anos residindo no casarão no “lado da Cleveland”, 15.01.93]

“O lado da Nothmann”, por sua vez, constrói as diferenciações no interior da edificação. As estratégias de se distanciar da imagem negativa do local de moradia são construídas recortando os espaços e atribuindo ao “outro” desta mesma face as classificações que compõem as representações depreciativas.

No “lado da Cleveland” as diferenciações do espaço dadas pelas classificações que compõem a imagem negativa do casarão dão lugar às classificações outorgadas pelo tempo de residência.

As estratégias de desvencilhar-se do estigma em cada face do casarão vão depender das possibilidades de valorização positiva que ela permite. As categorias e os valores utilizados para classificar os espaços se constituem de maneira diferente em cada face do casarão.

“O LADO DA NOTHMANN”: “OS DE CIMA”, “OS DE BAIXO”, “OS DO SALÃO”

No “lado da Nothmann os moradores operam um trabalho de distinção dos espaços no interior desta face, reconhecendo e retomando os atributos negativos que lhes são imputados. As categorias depreciativas oferecem o quadro para a construção das diferenças espaciais dentro da edificação. Para os moradores que residem na parte “de cima” do prédio,

“Mais unido é a parte daqui de cima [...] o pessoal que mora aqui é diferente do pessoal lá debaixo, a gente não mexe com droga, o pessoal lá embaixo tem muitos que mexe [...] lá em baixo é mais manjado. Quando a polícia vem pra dar um geral vem mais lá embaixo, aqui em cima eles quase não sobe, então por isso que a gente é diferente.” [Júnior, 19 anos, faz distribuição do jornal Folha de São Paulo, 1 ano residindo no casarão do “lado da Nothmann” na parte “de cima”, 12.02.93]

Neste trecho, facilmente identifica-se a intenção do entrevistado em apresentar “os de cima” como sendo diferentes dos “de baixo”. Os “de cima” atribuem aos “de baixo” as características desabonadoras do lugar, ou seja, os não-trabalhadores, a sujeira, os viciados residem nestes espaços. Já os de “de baixo” advogam que:

“...os de baixo têm mais união que os lá de cima, os lá de cima querem dar uma de bacana, [...] se eu disser Leninha, me empreste cinquenta conto...Nega me empreste 10 conto pra comprar um bujão de gás, [...] já o pessoal de cima já não tenho muita amizade com eles, já nem peço...” [Vânia, 28 anos, dona de casa, 4 anos residindo no casarão do “lado da Nothmann” na parte “de baixo”, 12. 02.93]

Os moradores “de baixo” respondem às acusações dos “de cima”, ressaltando o investimento nos valores da sociabilidade, e os acusam de “querer darem uma de bacana”. Entretanto, estes demarcam as diferenças construindo e inventando as diferenças espaciais entre os que moram “em baixo”.

“...é o pessoal não quem mora aqui que veve com o pessoal que mora aí no “salão” aqui dentro mesmo que mora nos barracos nosso, ninguém rouba, ninguém mexe com esses negócio de roubo essas coisas aí não.” [Cláudio, 35 anos, carregador, 4 anos residindo no casarão, na parte “de baixo” da edificação, 12.02.93]

Na parte “de baixo” da edificação, no final do quintal, existe um espaço aberto onde ficam as pessoas que não têm “cômodo”, “os que vivem no casarão” “os de fora”, “os viciados”. Esse espaço é classificado pelos moradores de “salão”. Durante a realização da pesquisa, havia neste local um grupo composto de quatro pessoas. Era instável a composição do grupo. Ele aumentava ou diminuía em torno dessas quatro pessoas que eram mais permanentes no local. Estas pessoas não trabalhavam, eram acusadas pelos moradores de práticas de roubo “dentro” e “fora” do casarão. Todos que eram classificados de “viciados” ocupavam esse espaço. Também, outras pessoas que moravam nos “cômodos” adjacentes a esse espaço e que não trabalhavam eram acusadas de traficarem drogas, e uma moradora que pedia esmola, qualificada como não-trabalhadora. Estas características são apreendidas e organizadas simbolicamente. Esse espaço é usado como o traço classificatório, a marca que serve para orientar a apreensão dos espaços.

Identificando os não-trabalhadores com “os de fora”, os que “vivem no salão”, e os trabalhadores com os “de dentro”, com os que “moram nos barracos”, os moradores estabelecem os procedimentos de inclusão e exclusão, pelo qual se definem como “nós” em relação a “eles”.

A existência desse espaço “em baixo” classificado de “salão – onde ficam “os de fora”, “os viciados”, “os não trabalhadores”, torna-se um estigma, capaz de fundamentar, por si só, as representações depreciativas do lugar.

Este espaço, qualificado a partir dos que se apropriam dele, passa a ser apreendido como uma “qualidade diferencial”⁴ suficiente para desacreditar, não apenas os que residem “em baixo”, mas todos que moram no casarão. Durante as primeiras visitas ao casarão, fui conduzida por uma moradora do “lado da Cleveland” a este espaço, para conhecer o motivo do “casarão ser tão falado”.

Esta classificação vai além dos significantes construídos pelos recortes físicos, indica uma forma de uso e apropriação do espaço, a procura de proteger-se da imagem negativa faz os moradores rejeitarem o uso de alguns espaços coletivo. Operando com essas diferenciações, os moradores podem ter uma consciência de si mesmo de um outro plano ou perspectiva.

Podemos perceber que nesse jogo do reconhecimento social, na luta para ser percebido como distinto (Bourdieu *apud* Penna, 1992:68), esses moradores dialogam o tempo todo com as representações depreciativas que recaem sobre o casarão. As representações depreciativas são uma forma de expressar, de modo explícito, a problemática do reconhecimento social. Precisamos do reconhecimento da sociedade para sermos humanos, para termos uma imagem de nós próprios, para possuímos uma identidade. A imagem negativa do casarão impelia os moradores a elaborarem estratégias mais complexas, de re-apresentação de si, opondo-se às classificações e representações generalizadoras que lhes eram imputadas.

Uma vez que essas representações são constituídas e constituintes de práticas que visam elaborar estratégias para afirmar as diferenças, alguns

moradores delimitam os espaços de apropriação, construindo simbolicamente o seu espaço de moradia.

Os moradores que residem no “lado da Nothmann”, “em cima”, que têm filhos pequenos, proíbem as crianças de ficarem na parte “de baixo” do casarão. Geralmente, as crianças usam esses espaços como corredor de passagem, quando saem para ir à escola ou eventualmente para outro lugar. Elas brincam com as “de cima” num espaço nomeado de “salão de cima”. Como os banheiros são embaixo, geralmente as crianças e também os adultos – apesar dos moradores nada mencionarem sobre os últimos – tomam banho em bacias no “quarto”. As necessidades fisiológicas também são feitas no próprio “quarto”. *“Eles fazem nos piquinhos deles, nos baldinhos, quando é de manhã joga lá embaixo na bacia...”*. Visitando algumas casas pude observar baldes de plásticos e penicos debaixo do armário, da cama, ou mesmo num canto do quarto.

As mulheres que não têm tanque em seus “quartos”⁵ usam os tanques e varais, localizados nos espaços de uso coletivo “de baixo”. Essas são as ocasiões em que se dá mais intensamente a troca social com as mulheres desse espaço.

Pude observar a ausência dos moradores “de cima” na parte térrea da edificação. A comunicação com os ocupantes da parte “de cima” com os “de baixo” é restrita e fugaz. Alguns passam, cumprimentam-se, mas sem permanecer por muito tempo no local.

“Eu converso com Verinha, Dona Rubinite, com a Nega, Iracema, [moradoras “de baixo”] mais só assim, aí é difícil parar pra conversar.” [Gorete, 34 anos, faxineira, 8 anos residindo no casarão do “lado da Nothmann”, da parte “de cima”, 19.04.93]

Aliás, trocar uma palavra com os demais moradores, não fazer distinções, são regras de boa convivência. Como diz a moradora: “Aqui a gente tem que falar com todo mundo”.

Freqüentemente a proximidade espacial define as relações de reciprocidade e amizade. Os mais “chegados” ou mais “íntimos” geralmente são os que moram no mesmo recorte espacial. Uma moradora “de cima” diz que quando precisa de ajuda primeiro recorre aos “de cima”, os **que** ela tem mais confiança, “só quando não tem jeito”, solicita “os de baixo”.

Há casos em que as moradoras têm como vizinha uma conterrânea ou uma amiga do antigo local de residência, que lhes informou sobre a vacância do “quarto”. É o caso, dentre outras pessoas, de Dona Gorete. Faz 8 anos que mora no casarão, na parte “de cima”. Tomou conhecimento da vacância do “quarto” através da ex-vizinha da pensão onde morou e depois de se fixar no casarão, chamou outra amiga, que também residiu nessa pensão. As três estabelecem um vínculo especial de conhecimento, de amizade, ajuda mútua e aliança que é reservado aos membros da família.

“...primeiro veio a Regina, depois ela arrumou um quarto pra mim, eu vim, depois veio a Eunice (*quando vai para o trabalho*) vai as três, vai sempre as três quando não vai a Eunice vai a Regina juntas. Onde ela estiver eu vou atrás.” [Gorete, 34 anos, faxineira, 8 anos residindo no casarão do “lado da Nothmann”, da parte “de cima”, 19.04.93]

Essas moradoras estão frequentemente na parte “de cima”, se visitam, saem juntas para trabalhar, para ir à feira, praticamente se fecham nesse circuito de amizade, delimitando tanto espacialmente como socialmente suas práticas no casarão. Assim, constroem simbolicamente seu espaço de moradia.

Na parte “de baixo” do casarão, há uma outra dinâmica nas relações sociais. É lá que está localizado o maior espaço de uso coletivo (o quintal) do “lado da Nothmann”; é nele que estão situados os tanques, banheiros e varais. É também nesse espaço que os moradores vivem mais intensamente. Observando os ocupantes desse espaço, pude perceber que as diferenças rigidamente explicitadas nos discursos são muitas vezes borradas nas práticas sociais.

Todavia, com os “viciados”, “os que vivem no salão”, “os de fora” – classificação dada aos que compõem a população flutuante do casarão – os moradores estabelecem uma distância social. A regra de boa convivência com os “viciados” é não se imiscuir nas suas atividades, “cada um faz sua parte”. Os que estabelecem uma relação com eles, de forma um tanto velada, são os que traficam droga. No período final da pesquisa, foram construídos no “salão”, lugar reservado aos “viciados”, três barracos. Os “viciados” passaram então a ocupar o quintal. Eles ficam em grupo, perto da escada que dá para o segundo pavimento. Há um entra e sai de pessoas no quintal. Alguns rapazes e moças “de fora” entram e juntam-se ao grupo de “viciados” quando os que fazem parte desse grupo estão circulando no quintal. Os moradores nomeiam este movimento de “função”, isto é, a compra e venda de drogas mediadas pelos “viciados”, que nessa atividade são classificados pelos moradores de aviões”.

“O LADO DA CLEVELAND”: “OS ANTIGOS” E “OS NOVOS”

No “lado da Cleveland” as divisões espaciais – “os da frente”, “os do corredor”, “os dos fundos” – ganham outro sentido e significado, associados à maneira como se deu a ocupação nessa face do casarão, contada como uma narrativa mítica. A memória da ocupação, nessa face do casarão, se erige como um contravalor às representações depreciativas. As diferenciações do espaço dadas pelas classificações que compõem a imagem negativa do casarão dão lugar às classificações outorgadas pelo tempo de residência.

O local que estava sendo usado, antes da ocupação, como “esconderijo de bandidos” passa a servir de residência para “gente de família”.

“Quando a gente veio morar aqui só tinha uns caras da rua, uns trombadinhas, bandidos, tinha zuns que era [...] eles não mexia com a gente, com a gente de família não.” [Zélia, 32 anos, faxineira, 10 anos residindo no casarão do “lado da Cleveland”, 09.01.93]

O momento da ‘fundação’ do casarão ocorre demarcando espacialmente e simbolicamente o espaço. O local, antes sujo e esconderijo de trombadinhas e bandidos, se transforma em um lugar limpo e habitado por “gente de família”. Todos os moradores “antigos” e “novos” falam que o casarão mudou: “antes era mais sujo”, “antes era pior”, “antes tinha muito bandido”.

A história da ocupação do casarão contada pelos fundadores aos que vão chegando para aí morar, compõe uma memória coletiva. “...eu e a Maria Lúcia de vez em quando a gente conversa esse assunto”. É por meio dessa comunicação que as lembranças obtêm consistência, uma vez que “um objeto vai ganhando concreção à medida que outras pessoas dele têm conhecimento...” (Ramos, 1953:7 apud Bosi, 1979:330)

É este grupo, composto de “novos e antigos”, que é o suporte desta memória. “Os novos” vão se engajando no grupo, interiorizando o seu ponto de vista, e são arrastados por uma corrente de pensamento. Foi o que eu pude observar quando estava entrevistando alguns moradores “novatos”. Achei curioso eles se referirem ao passado do casarão como se tivessem morado neste local desde a sua ocupação. Diziam: “antes aqui era muito sujo, antes tinha um pessoal que eram sozinhos, não era família vinha da rua pra cá”. Identificando-se com os que aí moram, fazem seu este passado.

“É preciso reconhecer que muitas lembranças, ou mesmo de nossas idéias não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros, com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente.” [Bosi, 1979:331]

Esta memória coletiva serve de fator de agregação entre os que já estavam e os que vão chegando. Serve de cimento ao grupo. Ela conta uma história que se constitui em contra-reconhecimento do grupo. Os moradores, tanto os “antigos” como os “novos”, referem-se a um tempo pretérito como a época em que o casarão era mais sujo, mais perigoso, e que havia brigas dos bandidos que já “viviam” no casarão. De forma que essa memória coletiva se constitui em um contravalor às representações depreciativas.

Todavia, a categoria “novos” e “antigos” é relativizada. A atribuição da qualificação “novos” e “antigos” pode ser alterada de acordo com o contexto. Em relação aos que vão chegando, os que aí já estavam se consideram os “antigos” e aqueles são considerados os “novos”.

Como a antiguidade de residência confere prestígio e poder, há uma disputa em torno do sentido a ser dado a categoria dos “antigos”. Conversando com uma senhora que mora no casarão desde o ano em que foi ocupado, mas que não fez parte das 50 famílias que primeiro chegaram ao casarão, ela dizia que era uma

das antigas, pois tinha chegado na época que o casarão foi invadido. As famílias que vieram da pensão para ocupar o casarão consideram “antigos” apenas aqueles que vieram da pensão.

No “lado da Nothmann”, a ocupação ocorreu de forma diferente. Contam os moradores que o “mais antigo” desse lado é o seu Antônio. Ele morava na rua e ficou sabendo da existência de um casarão. Ele e seus colegas vieram para o local, quando o “outro lado” já tinha sido ocupado. Seu Antônio e os colegas, por serem sozinhos, foram cedendo os seus “quartos”, que eram maiores, às famílias que foram chegando. Os colegas de seu Antônio, uns saíram do casarão, outros morreram, e ele permaneceu; transferiu-se do “quarto” em que morava, no segundo pavimento, para um banheiro, que não estava funcionando. No período da pesquisa, continuava residindo nesse local.

No “lado da Cleveland”, os “fundadores” são reconhecidos e legitimados como a liderança local. Essa posição que ocupam lhes confere prestígio e poder nessa face do casarão. No “lado da Nothmann”, os “fundadores” não são reconhecidos e nem legitimados como lideranças no local. Recai sobre a família “mais antiga” a acusação de traficar drogas e de alguns dos filhos serem “viciados”. O seu Antônio, que vive de bicos, catando papelão na rua, restos de verduras no mercado, fazendo pequenos mandados nos restaurantes e bares do bairro, é considerado como um vagabundo, e como o “pinsun” ou “bebum” por alguns. Portanto, não estão enquadrados na categoria dos trabalhadores definidora das relações sociais, uma condição de sociabilidade nos termos do casarão.

Nessa face do casarão, quem faz o papel de mediadora das relações sociais é uma moradora “de baixo”. Ela é casada com um morador que trabalha num supermercado. O casal tem um filho e residem há 10 anos no casarão. Mesmo não desejando assumir esse papel, é a ela que os moradores recorrem para elaborar a lista com os nomes das pessoas para a limpeza do quintal e banheiros durante o mês, para fazer os contatos com instituições e “pessoas de fora”. O reconhecimento e a legitimidade para exercer o papel de representante do grupo lhe foram conferidos pelo conhecimento das regras vigentes, pelo trânsito que tinha nas categorias do local de moradia, pela habilidade nas negociações de relações sociais. O estatuto de trabalhadora, uma vez que é casada com um trabalhador, uma condição de sociabilidade nos termos do casarão, lhe confere o reconhecimento e a legitimidade para mediar as relações dentro e fora da habitação coletiva.

O CONTROLE SIMBÓLICO DO ESPAÇO

A distância social é manipulada através das representações dos espaços. Para os nomeados de drogados, viciados e vagabundos é destinado um espaço – “o salão”, no “lado da Nothmann” e – “o galpão”, no “lado da Cleveland”. Dessa forma, os moradores integram esta categoria, separando-a.

Outra maneira de integrar separando é considerando-os como pertencendo e não pertencendo à categoria dos moradores:

“...o pessoal que dorme no salão...”

“...o pessoal que vive no salão...”

No “lado da Cleveland”, no período que iniciei a pesquisa, o “galpão” era o espaço qualificado pelos moradores como o lugar dos “viciados”, o mais sujo do casarão. Esse espaço era utilizado pelos enquadrados na categoria dos “viciados”. Os moradores reclamavam do uso que estava sendo feito do “galpão”. Para eles, essas pessoas usavam esse espaço para se drogarem, faziam muita sujeira e deixavam o “galpão” com odores, de forma que ninguém mais sentava na escadinha das portas do “galpão”.

Preocupados com a imagem do local, os moradores procuram exercer um controle simbólico sobre os perigos de contaminação do espaço. Esse espaço passa a ser disputado. Um grupo de jovens munidos de mangueira lavou o local. E para interditar o uso por parte daquelas pessoas, eles fecharam as portas e janelas com tábuas e pregos. Forçados a deixarem o “galpão”, os “viciados” migraram para o “salão” do “casarão da Nothmann”.

Depois de um período fechado, o “galpão” passa a ser aberto. Com o consentimento das lideranças (que no “lado da Cleveland” são os moradores mais antigos), passa a ser usado como moradia para famílias. Mesmo sem serem consultados, os moradores aprovam o novo uso dado ao espaço.

Durante a realização da pesquisa, os moradores proibiram fotografar ou filmar o “salão, espaço reservado aos drogados do “lado da Nothmann”, mas quando o espaço foi usado para passar a fita de vídeo do casarão, eles não se incomodaram em ser fotografados. Ou seja, o espião ganha outro significado ao ser suporte material de outra atividade. A utilização do espaço dá-se de acordo com os signos que testemunham a sua apropriação.

A CATEGORIA “SUJO” NA QUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS

A literatura sobre os pobres urbanos tem demonstrado que, entre outros atributos, é associado aos pobres a sujeira (Caldeira, 1984; Cardoso, 198). Estando associada aos que moram em favelas e cortiços, é natural que a sujeira seja um dos atributos que compõem as representações depreciativas que recaem sobre o casarão, tornando-se um problema, uma preocupação que envolve todos.

Em algumas entrevistas, os moradores falam da vergonha que sentem ao entrarem no casarão quando vêm do trabalho por causa do lixo que se acumula nas suas calçadas.

“...quando eu trabalhava que eu saía, que eu vinha voltando, eu penso mil vezes pra poder entrar aqui, principalmente quando o trânsito tá parado aí, né? às vezes eu até passo, disfarço e depois eu volto.” [Marta, 32 anos, faxineira, 1 ano morando no casarão do “lado da Cleveland”, 09.01.93]

“Ah! outra também que os povos que passa aí fora nessa lixairada aí, essa sujeirada aí, os povos passa com a mão no nariz tampando, né? Por causa dessa sujeirada pensa que nós somos tudo um rebanho de porco aqui dentro, né? [...] eu tenho tanta vergonha, sabia? que eu venho assim do serviço, da rua; as mulheres vem assim atrás de mim, eu tenho vergonha de entrar nesse casarão...” [Zélia, 32 anos, faxineira, 10 anos residindo no casarão do “lado da Cleveland”, 09.01.93]

Nesses momentos o aspecto físico do lugar sugere uma confrontação com a identidade de morador, que senti desejo de se colocar à distância do seu local de moradia. O lugar aparece como mediador que expressa sua carga simbólica.

Nas conversas dos moradores sobre a ameaça de despejo do casarão era muito frequente dizerem:

“Também, com essa sujeira do casarão eles vão querer que a gente saia daqui”; “É por causa dessa sujeirada que vão tomar o casarão de nós”; “Você acha que depois que eles deixarem aqui bem limpinho, fizer a reforma eles vão deixar a gente voltar com essa sujeira que tem no casarão?”

A sujeira é a categoria mais recorrente nas falas dos moradores quando o contexto da discussão é a pobreza. Os espaços considerados mais sujos são associados aos mais pobres de acordo com a hierarquia no casarão.

Durante o trabalho de campo, nos registros iconográficos, os moradores, crianças, adultos e adolescentes, procuravam manter um controle simbólico da imagem do casarão, solicitando para não filmar “a sujeirada”.

Em uma ocasião em que estava sendo filmado o “lado da Nothmann”, crianças e adolescentes que estavam no local pediram para não filmar “a sujeirada”. Uma senhora que estava escalada para fazer a limpeza do quintal, nesse dia, também pediu para não filmar esse espaço, que no momento estava muito sujo, dizendo: “nós somos pobres mas não somos sujos”.

Em outra ocasião, algumas crianças pediram para serem fotografadas. Quando estavam posando para a foto, a mãe apareceu no local, impedindo, falando que as crianças não eram meninos de rua, largados, para serem fotografadas da forma como estavam, brincando. Esta conduta expressa um controle simbólico do lugar de moradia. A sujeira tem um sentido moral, está associada à ausência de uma estrutura familiar, aos que vivem na rua. Ao contrário da rua, no casarão as crianças não são largadas, têm família. As mães solicitavam que se tirassem fotos das crianças quando estavam “bem arrumadinhas”. Da mesma forma, as mulheres que residiam nos cômodos considerados bonitos e que “pareciam uma casa normal”, permitiam fotografar ou filmar, sem nenhuma hesitação e, em alguns casos, demonstrando estarem sentindo-se lisonjeadas. Nos cômodos mais precários, as mulheres, com uma certa recorrência e demonstrando um sentimento de humilhação e vergonha, recusavam que se filmasse ou fotografasse o local, arguindo que era melhor tirar foto de um lugar mais bonito.

A classificação dos espaços – “o mais sujo” – segue a lógica descrita anteriormente na delimitação dos recortes espaciais qualificados pela categoria

trabalho. Assim, para os que moram no “lado da Cleveland”, o local mais sujo é o “outro lado”, “aqui nós limpa tudo”. No “lado da Nothmann”, os que moram “em cima” consideram que o lugar mais sujo é o “de baixo”, já os “de baixo” dizem que o espaço mais sujo é o “salão”, pois, “os que vivem nesse espaço não limpam”.

A qualificação desses espaços como os “mais sujos” é feita a partir de um critério moral, tanto associado às características negativas do lugar (“ambiente sujo”), como também ao aspecto físico do lugar – a imundície, e a sujeidade.

“Ocupa (*o galpão*) o pessoal de fora que dorme lá, faz aquela sujeira lá que você viu, eles vem ocupa aí, usam o que eles têm que usar, aí eles vão, a única coisa que eles não faz é limpar, vem só pra sujar, deixar o ambiente mais sujo, não tem limpeza pra isso.”
[Alexandre, 18 anos, desempregado, 8 anos morando no casarão do “lado da Cleveland”]

As representações depreciativas sobre os pobres urbanos se difundem e se enraízam em diversos setores da população. Estas representações são manipuladas pelos pobres na elaboração das diferenciações entre si. Teresa Caldeira, no seu trabalho que versa sobre como vivem e pensam os moradores da periferia de São Paulo, mostra que “nas representações dos entrevistados é nas ruas e favelas onde estão o ambiente deteriorado, a sujeira, a família desagregada, o não trabalho, a vagabundagem...” (Caldeira, 1984: 166)

Moradores dos outros cortiços do bairro de Campos Elíseos, consideram o casarão

“...lugar perigoso, dizem que tem muito marginal, bandido. Aqui não, é diferente, todo mundo trabalha, lá é uma sujeira, eu não gosto nem de passar lá perto, tenho medo daquele casarão.” [Paula, 32 anos, marreiteira, 4 anos morando no cortiço da Rua Barão de Piracicaba, 12.04.93]

No casarão, os moradores do “lado da Cleveland” atribuem aos que moram no “lado da Nothmann” a sujeira, o não-trabalho, a vagabundagem, enfim, as características negativas que estão associadas aos pobres.

“O pessoal que mora na Nothmann já é um outro comportamento, o pessoal, num sei, num tô pronto pra dizer...o pessoal que acha...quer dizer, sei lá, um pessoal mais relaxado, cê ta me entendendo? A gente nota, a gente vê que...são mais, sabe? Ai quem sabe se lá é mais pobre que a gente sabe?. Aqui não, aqui desse lado o pessoal já se preocupa mais e tal, oh tá sujo aí a entrada, vamos lavar...” [Virgílio, 42 anos, motorista de táxi, 5 anos morando no casarão do “lado da Cleveland”, 10.02.93]

“Porque lá eles não cuidam da sujeira, não cuida das suas casas [...] é uma imundice do lado de lá, que eles não cuidam, né?” [Fábio, 12 anos, estudante, 10 anos residindo no casarão do “lado da Cleveland”, 16.03.93]

Embora os moradores do “lado da Nothmann” não tenham usado a expressão “mais pobres” para explicitarem as diferenças entre si, a sujeira vista a partir de um critério moral tanto associado às características negativas do lugar – “ambiente sujo” -, como também ao aspecto físico do espaço – a imundície, a sujeidade

– está presente nessa diferenciação que se expressa numa hierarquização, dada pela representação dos espaços, categorizados como um continuum de tipificações que se enquadram, se aproximam ou se distanciam das representações depreciativas.

Nesse processo de construção das diferenças sociais, os moradores investem nas categorias – não-trabalho, sujo – e nos valores que lhes são vinculados para classificarem o outro e exprimirem as suas diferenças.

Creio que a reflexão feita por Teresa Caldeira sobre os valores limpo e sujo é pertinente para compreender as representações dos moradores do casarão. Segundo a autora, “está sempre presente uma dicotomia casa-rua, em que se associa os valores positivos da limpeza (do corpo e da alma) e da ordem (estruturação familiar) à primeira, e os negativos de sujeira (física e moral) e desordem (não-família) à segunda. (...) é esse tipo de valor que está por trás do fato de os mais pobres serem invariavelmente definidos pelo lugar em que vivem...” (Caldeira, 1984: 165)

Como podemos perceber, as categorias depreciativas que compõem as representações sobre essas formas de habitação – cortiços e favelas – vão informar os processos de diferenciação entre os pobres.

É nos espaços privados das habitações coletivas que os moradores investem nos valores positivos da limpeza, para demonstrarem que: “somo pobres mais não somo sujo”. Ou seja, a pobreza não é incompatível com a dignidade. É nesses espaços que os moradores podem imprimir sua marca. Ao se apropriar do seu espaço, o habitante o fecha, mesmo simbolicamente, de forma a delimitar um território sobre o qual ele poderá inscrever sua particularidade. (Haumont, 1968)

A habitação coletiva apresenta uma relação, ou melhor, uma estrutura de dois termos, individual/coletivo, ou dentro/fora. O primeiro pode ser marcado e apropriado a partir de referências culturais ou “habitus”, o segundo não permite a inscrição de uma marca individual.

Nas habitações coletivas, os espaços comuns, de propriedade de todos, definem-se negativamente em relação ao espaço individual, de dentro. Assim, podemos compreender a acumulação de lixo nestes locais. A característica coletiva destes espaços acarreta uma marca oposta àquela procurada a título individual. Os espaços privados – “quartos” ou “cômodos” – sendo delimitados e marcados se definem positivamente. É interessante observar que os espaços individuais, de uma maneira geral, estão sujeitos a um zelo muito grande no que diz respeito às condições de limpeza e higiene.

Chama a atenção nesses cômodos a limpeza das panelas e o brilho dos utensílios. A limpeza e a higiene nestes espaços individuais contrastam com os de uso coletivo, onde se acumula lixo e onde estão expostos os esgotos a céu aberto. Neste espaço, o morador pode imprimir sua marca. Por menor que seja o “quarto”, ele é sempre qualificado simbolicamente.

Além desses dois tipos de espaço, existem também os que se situam entre o de uso coletivo e o individual. Ficam numa zona intermediária. São o hall de

entrada e as escadas, lugares semi-privados que, sendo delimitados e apropriados simbolicamente como uma extensão do cômodo, são limpos e conservados.

“...eu só limpo agora o pé daquela janela em volta, lavo com água, boto criolina, lavo meu quintal, eu já cansei, quando entrei aqui, eu fazia faxina. Dentro ninguém quer nada com nada.” [Zélia, 32 anos, faxineira, 10 anos residindo no casarão do “lado da Cleveland”, 09.01.93]

Como se pode observar, os processos de classificação dos espaços faz o casarão aparecer para além das características físicas e arquiteturas, como uma agregação de unidades simbolicamente e socialmente marcadas. As classificações demarcam fronteiras no interior do casarão, estabelecendo tanto as diferenças – nós os trabalhadores – quanto a diferenciação os não trabalhadores. Dessa forma, os moradores elaboram estratégias simbólicas de apresentação positiva de si que vão se opor às classificações e representações que lhes são imputadas. O cortiço como estrutura significativa é também resultado de uma produção de sentido.

O espaço do casarão como uma dimensão da construção da realidade social não é um elemento passivo, sobreface sobre a qual recaem os fenômenos sociais, suporte descritivo da análise sociológica (Rémy, 1975). Há uma relação de interdependência entre os espaços – “embebidos socialmente” – e as práticas sociais.

NOTAS

- 1 A população do casarão é composta de 128 famílias. (DHU, 1995) Para o conjunto dos cortiços do Município de São Paulo, a pesquisa FIPE encontrou 6,7 famílias moradoras por imóvel, na média. Com valores acima da média estão os bairros da Lapa com 13,1 famílias por imóvel, Móoca com 12,1, Vila Mariana com 9,2 e Santo Amaro com 8,3.
- 2 A pesquisa foi realizada em 1992/1993.
- 3 A categoria não trabalho não corresponde exatamente à categoria dos desempregados, e, sim, a indivíduos que são “viciados” ou suspeitos de roubo e tráfico de drogas. Tanto na imprensa como no bairro de Campos Elíseos os moradores do casarão são qualificados por esses atributos.
- 4 Goffman, Erving. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, 1975.
- 5 Em cima, apenas três quartos possuem tanques, e dois possuem banheiros, somente com chuveiros para tomar banho.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, E.

1979 *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, São Paulo, T. A. Queiroz.

BOURDIEU, P.

1989 *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.

1979 *La distinction: critique sociale du jugamen*, Paris, Minuit.

CALDEIRA, T.P.

1984 *A Política dos Outros*, São Paulo, Brasiliense..

CDHU

1995 *Caracterização Sócio-Econômica*, Projeto Casarão Cleveland/Nothmann, Mimeo.

CONDEPHAAT

s/d *Edificações da Alameda Cleveland, 601: Diretrizes para preservação*, São Paulo.

DA MATTA, R.

1987 *A Casa & A Rua*, Rio de Janeiro, Guanabara.

DOUGLAS, M.

1976 *Pureza e Perigo*. São Paulo. Perspectiva.

DURKHEIM, É

1981 *Durkheim*, José Albertino Rodrigues (org), São Paulo, Ática.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS.

1994 *Cortiços na Cidade de São Paulo*, Relatório Gerencial, São Paulo, Mimeo.

GOFFMAN, E.

1975 *Estigma, Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar.

GODELIER, M.

1981 *Godelier*, Edgar de Assis Carvalho (org), São Paulo, Ática.

HALBWACHS, M.

1990 *A Memória Coletiva*, São Paulo, Vértice.

HALL, E.T.

1971 *La dimension Cachée*, Paris, Éditions du Seuil.

HAUMONT, N.

1968 “Habitat et modèles culturels”, *Revue française sociologie*, IX, pp.180-90.

MAGNANI, J.G.C.

1984 *Festa no pedaço: lazer e cultura popular na cidade*, São Paulo, Brasiliense.

MANTOVANI, J. & RAYMOND, O, S.

1984 "Espace et Coexistence Interethnique", *Espaces et Sociétés*, 45, pp.7-12.

MAUSS, M. & DURKHEIM, E.

1981 "Contribuição para o Estudo das Representações Coletivas", *Ensaio de Sociologia*, São Paulo, Perspectiva.

NOSCHIS, K.

1984 *Signification Affective du Quartier*, Paris, Librairie des Meridiens.

PERROT, M.

1987 *Os Excluídos da História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

SANTOS, C.N. et alii.

1985 *Quando a rua vira casa*, Rio de Janeiro, Ibam/Finep, Ed. Projeto.

TUAN, Y.

1983 *Espaço e Lugar*, São Paulo, Difel.

RÉMY, J.

1975 "Espace et théorie sociologique, Problématique de recherche", *Recherches sociologiques*, 3, nov.

PENNA, M.

1992 *O que faz ser Nordeste: Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*, São Paulo, Cortez.

Abstract: The representations about the slums' inhabitants as individuals bearing certain attributes socially recognized as depreciative and discredited fall back into their living places. Through the groups' characteristics the places are submitted to a certain classification. The system of available terms used to classify the ones who live in the slum – the dirt, the unemployed, drugs and theft – trace the limits inside one of the houses ("cortiço") used as a living-place inside the slum. There can be noted a strong effort of separating, dividing the place and thus attributing to the "other" its negative characteristics. The places are made up by a system of representations which transcends their physical and morfological characteristics. By being used in order to classify the spaces of the house, the negative attributes constituting the depreciating representations related to the place build up and invent the various meanings of the spaces of the house inside the slum.

Uniterms: slum, depreciative representations, place.